

Primeiro Plano

Por concluir

Operação que pôs em alvoroço os aeroportos de todo o Mundo é apenas a primeira fase de uma investigação maior.

REINO UNIDO



Terror evitado em cima da hora

TOBY MELVILLE/AP

Pedro Olavo Simões

- ▶ Scotland Yard deteve 24 suspeitos de conspiração terrorista internacional
- ▶ Plano passava por fazer explodir aviões destinados aos Estados Unidos

O medo de uma ameaça terrorista à escala planetária ganhou novo fôlego, com o Reino Unido a anunciar ter desmantelado um plano para fazer explodir aviões em pleno voo, detendo 24 presumíveis implicados. Os níveis de alerta subiram para os patamares máximos, aeroportos em todo o Mundo voltaram a ter um ambiente semelhante ao pós-11 de Setembro. Dizem os americanos que estamos perante uma ameaça global e, com uma certeza não partilhada pelos britânicos, que a al-Qaeda está por trás da conspiração. George W. Bush alterou a retórica habitual, declarando que a guerra é contra os "fascistas islâmicos".

"Acreditamos ter desmantelado uma conspiração terrorista que visava provocar destruição e perdas humanas incalculáveis", disse o número dois da Polícia londrina, Paul Stephenson, ao anunciar o êxito da operação levada a cabo durante a noite, notando que o plano, se não tivesse sido anulado, "resultaria num morticínio inaudito". A investigação, que foi desenvolvida com conhecimento dos Estados Unidos, resultou na detenção, durante a noite, de 24 pessoas, em Londres, Birmingham e High Wycombe.

Eludir a segurança

A operação da Scotland Yard foi, ao que tudo indica, lançada "in extremis", acreditando-se que os terroristas visavam aviões de carreira entre Londres e os Estados

Unidos (os media britânicos falavam em seis a dez voos). Os atentados implicariam o uso de explosivos líquidos, não detectáveis pelos protocolos de segurança até ontem em prática nos aeroportos (ver caixa), levados para o interior da cabina como bagagem de mão.

As autoridades britânicas não descartaram a possibilidade de envolvimento da al-Qaeda, mas

apontavam-no como pouco provável. Pelo contrário, o secretário americano da Segurança Interna, Michael Chertoff, apontou de imediato o dedo à organização de Osama bin Laden, embora ressaltando que "a investigação está em curso", o que inviabiliza qualquer "conclusão definitiva".

Chertoff disse, ainda, que "a operação tinha como base a Grã-Bretanha, estava avançada, im-

plicava muita gente e tinha uma dimensão internacional". Da Casa Branca saiu a informação de que os EUA eram o objectivo dos terroristas, e o presidente Bush, falando com o avião "Air Force One" em pano de fundo, disse que o país "está mais seguro do que antes do 11 de Setembro", mas as pessoas não estão ainda completamente seguras. "É um erro acreditar que não

existe uma ameaça a pairar sobre os Estados Unidos de América", acrescentou, para justificar a concessão de poderes especiais às entidades envolvidas nessa "guerra contra os fascistas islâmicos".

Alerta máximo

Pela primeira vez, os EUA colocaram em "vermelho" o nível de alerta para todos os voos comerciais, enquanto as autoridades britânicas também subiram a atitude preventiva ao topo da escala ("crítico"), o que, tecnicamente, pressupõe ainda a iminência de atentado ou atentados.

Todos os aeroportos britânicos reforçaram especialmente as medidas de segurança, em especial Heathrow, o principal aeroporto da capital inglesa, onde cerca de 200 mil passageiros foram afectados por atrasos e pela anulação de voos. Atendendo à natureza dos explosivos que os conspiradores pretendiam utilizar, além de revistados dos pés à cabeça, os viajantes viram drasticamente limitada a bagagem de mão.

Os líquidos, incluindo água, tornaram-se totalmente interditos, e mesmo os medicamentos líquidos, de que os passageiros tenham absoluta necessidade, têm de ser sujeitos a um controlo científico. Este cenário repetiu-se um pouco por todo o Mundo.

Peter Clarke, chefe da unidade antiterrorista da Scotland Yard, esclareceu que a investigação a seu cargo prossegue. As detenções de ontem representam apenas, como clarificou, "a primeira fase" de uma operação que poderá ainda durar vários meses. ◀

Fabrico implica conhecimentos de Química

▶▶ "Conhecimentos de Química, de nível superior, e um laboratório, onde possam ser sintetizadas as substâncias utilizadas no fabrico dos explosivos", são condições essenciais para colocar em marcha um plano como o que as autoridades britânicas anunciaram ter desmantelado. Tal convicção é expressa por José Manuel Anes, criminalista que trabalhou, entre 1978 e 1998, no Laboratório de Polícia Científica da Polícia Judiciária, tendo feito em Israel uma especialização em explosivos. Fá-lo, tendo em atenção a descrição feita pela Scotland Yard de os terroristas pretenderem usar explosivos líquidos, químicos, que escapariam aos controlos de segurança no momento do embar-



Todos os meios serviram para avisar das novas regras

que. Enquadram-se aí compostos em forma de "emulsão ou water-gel", isto é, um gel solúvel em água, que, mesmo nessas condições, não perde as características. Estes explosivos não constituem, propriamente, uma novidade, o mesmo não se dizendo do uso em acções terroris-

tas. Outro tipo de explosivo líquido, o TATP, foi usado, por exemplo, nos atentados de 7 de Julho do ano passado, em Londres, ou no rebentamento de um edifício federal em Oklahoma City (EUA), em Julho de 1995. Esse composto, porém, "pode ser feito numa cozinha, usando ingredientes que se compram numa droguaria". Os explosivos líquidos em causa nesta conspiração não têm, propriamente, uso na indústria ou noutras actividades lícitas, já que são "muito instáveis", podendo detonar devido a alterações como as decorrentes de um choque ou agitação. No ar, por exemplo, poderiam deflagrar num momento que não o desejado, o que não obstaria, claro, ao sucesso do atentado. ◀